



Saussure por Mattoso Câmara Jr.: Reflexões em Torno do Lugar da Estilística¹

Vanise Medeirosⁱ (UFF)

Resumo: Neste artigo, está em foco uma leitura específica que Câmara Jr. faz de Saussure: aquela em que discute o lugar do campo disciplinar da estilística a partir de uma das dualidades saussurianas (*langue/parole*). São considerados três textos de Câmara Jr: *Contribuições à estilística portuguesa* ([1952] 1978), "Considerações sobre o estilo" ([1961] 2004) e "A visão saussureana da linguagem" ([1962] 2010).

Palavras-chave: saussurismo; Mattoso Câmara Jr; linguagem; estilística

Abstract: The focus of this article is a specific reading of Saussure by Câmara Jr. where he discusses the place of the disciplinary field of stylistics from the position of one of Saussure's dualities (*langue/parole*). Three of Câmara Jr.'s texts are discussed: *Contribuições à estilística portuguesa* ([1952] 1978), "Considerações sobre o estilo" ([1961] 2004) and "A visão saussureana da linguagem" ([1962] 2010).

Keywords: saussurism; Mattoso Câmara Jr; language; stylistics

¹ Com este artigo retomo e desenvolvo parte de outro artigo, a saber, "Interlocuções a partir de Saussure", escrito em coautoria com Alexandre Zanella, Luiza Castello Branco e Thais de Araújo Costa para livro organizado por Lucília Sousa e Lauro Baldini (ainda no prelo). Aqui desenvolvo a parte referente às leituras de Saussure por Mattoso no que tange aos problemas que a dualidade *langue/parole* acarreta para o campo da estilística.

*Em cada um de nós, o estilo, em dados momentos, faz violência à língua
e não poucas vezes a dobra no seu interesse*
Saussure, 1952, p. 21

Primeiras palavras

Curso de Linguística Geral em sua edição de 1922. Esta é a edição, ainda anterior às notas de Tullio de Mauro², lida por Câmara Jr., como podemos deduzir pela referência bibliográfica em sua tese de livre docência, em 1952, sobre a estilística, que resulta no livro *Contribuição à Estilística brasileira* ([1952] 1978).

Neste artigo, procuramos promover uma certa leitura que Câmara Jr. faz de Saussure: aquela em que discute o lugar do campo disciplinar da estilística a partir de uma das dualidades saussurianas, *langue/parole*. Estamos considerando três textos: *Contribuições à estilística portuguesa* ([1952] 1978), “Considerações sobre o estilo” ([1961] 2004) e “A visão saussureana da linguagem” ([1962] 1975). Neles, Câmara Jr. traz Saussure para refletir sobre estilo e estilística. Cabe sublinhar que tais textos, em que os estudos estilísticos são desenvolvidos por Câmara Jr. (caso da tese e do artigo decorrente dela) ou em que somente a questão do estilo é trazida à baila (caso do terceiro texto), provêm dos anos 50 e 60 (de 1952 a 1962); são, pois, anteriores às descobertas dos manuscritos de Saussure (*Anagramas e Escritos*)³.

O primeiro texto aqui destacado é o livro *Contribuições à estilística portuguesa*. Este, como já dito, produto de sua tese de livre docência em 1952, foi publicado pela Organização Simões em 1953 e reeditado pela editora Ao Livro Técnico em 1978. O segundo texto é o artigo “Considerações sobre o estilo” publicado pela *Revista Vozes* em 1961 e republicado pela editora Lucerna em 2004 (na coletânea de artigos intitulada *Dispersos* de J. Mattoso Câmara Jr.). O terceiro texto contemplado é o artigo “A visão saussureana da linguagem”, que se encontra no livro *História da Linguística* ([1975] 1975). Sobre este livro é interessante observar que é composto por textos escritos originariamente em inglês para os cursos ministrados em 1962 na Universidade de Washington. A sua tradução e publicação, em 1975, foi feita após a morte do nosso linguista. Tal como o *Curso*, trata-se de uma obra póstuma de

² Conforme Arrivé, as notas de Tullio de Mauro só vieram a ser publicadas a partir da edição de 1972 (Arrivé, 2010, p. 12), ou seja, após a morte de Câmara Jr..

³ Conforme Arrivé (2010, p. 24), os textos dos anagramas foram “tardamente revelados, depois publicados: foi apenas em 1971 que Jean Starobinski reuniu em um volume – significativamente intitulado *Les mots sous les mots [Palavras sob as palavras]* – um conjunto de publicações que tinham vindo a lume pouco antes. Apesar das numerosas publicações parciais, o trabalho sobre os anagramas ainda não foi exaustivamente publicado. E alguns comentadores autorizados se perguntam se há mesmo possibilidade de publicar o conjunto.”

um mestre e feita de suas aulas. Diferentemente, no entanto, do *Curso*, os artigos de tal livro foram redigidos pelo autor.

Como compreender um “pensamento em atividade”? Um pensamento, continua Câmara Jr., que “era emitido e se reformulava no exato momento em que era emitido” (Câmara Jr., [1962] 1975, p. 128). É perseguindo tal pensamento em se fazendo, um pensamento que procurava dirimir embaraços e impasses de uma linguística comparativa (Câmara JR. [1952] 1978) que nosso linguista vai expondo a teoria saussuriana, no caso, tendo em vista, entre outras questões, a estilística.

Notas acerca os textos de Mattoso

Em seu livro *Contribuições à estilística portuguesa*, que se divide em duas partes (“O conceito de estilística” e “Aspectos da estilística portuguesa”) há um subcapítulo, na primeira parte, intitulado “A língua no conceito saussuriano”, em que Câmara Jr. expõe a noção de língua em Saussure, aponta duas oposições saussurianas – *langue* e *parole*; plano coletivo e plano individual – e assinala que “entre a noção de língua, na significação saussuriana, e o estilo há certas antinomias profundas, independentemente da circunstância de uma ser em regra coletiva e o outro em princípio individual ” (Câmara Jr. [1952] 1978, p. 9). São sobre essas antinomias que o autor vai se debruçando e trazendo outros autores a fim de pensar os problemas que se apresentam para a estilística.

O artigo “Considerações sobre o estilo”, de 1961, em que Câmara Jr. recupera a tese de livre docência, se abre assinalando que

“Estilo tem sido objeto de intensa e acurada atenção por parte de muitos estudiosos que se preocupam com os problemas fundamentais da linguagem humana; mas daí não se depreendeu uma doutrina nítida, sistemática e pacífica.” (Câmara Jr. [1961] 2004, p. 173).

Em outras palavras, aí se indica, de imediato, a nebulosidade em torno do campo da estilística, a ausência de uma sistematicidade em tais estudos e de, por conseguinte, lugar para a estilística no campo dos estudos da linguística, agora significada como científica. Neste artigo, noções centrais desenvolvidas na tese são recuperadas, algumas reformuladas e outras, lá não presentes, desenvolvidas.

Por fim, em seu artigo sobre a visão saussuriana ([1962] 1975), Câmara Jr. situa o cenário dos estudos no século XIX, apresenta Saussure ao seu leitor, discorre sobre algumas das ideias que se inauguram com o livro *Curso de Linguística Geral* e pontua alguns dos problemas na “doutrina de Saussure” que tocam o lugar do estilo nas oposições saussurianas.

Nos três textos, portanto, para tratar de estilo e da estilística, Câmara Jr. recupera em Saussure a noção de língua; nos três tece críticas à rigidez “da dicotomia língua e discurso” (Câmara Jr. [1962] 1975, p. 131)⁴ porque lhe toca em um ponto caro: o estilo e, por conseguinte, a estilística, para cujo campo nosso linguista expõe no livro oriundo de sua tese de livre docência um método de trabalho (Câmara Jr., [1952] 1978):

“É o método assim delimitado que convém ilustrar com alguns aspectos da estilística portuguesa, a fim de trazer para um plano mais concreto as sumárias considerações que até gora foram aqui desenvolvidas.” (Câmara Jr. [1952] 1978, p. 25).

Iremos trabalhar com os três em conjunto e, quando necessário, indicaremos distinções entre eles.

Lendo o *Curso* nas leituras de Câmara Jr.

Nos três textos focalizados, o impacto do pensamento saussuriano por meio do *Curso de Linguística Geral* se faz ver com destaque. Na tese de livre docência, por exemplo, Câmara Jr. promove uma reflexão sobre a linguística do século XIX e início do XX e traz a lume inúmeros autores não traduzidos ainda no Brasil. Há, no entanto, somente um autor a quem é dedicado um subcapítulo no sumário (Saussure). Vários são os conceitos e as afirmações saussurianas que aí expõe e nos demais textos selecionados. Em todos, contudo, assinala que, a despeito de ser decisiva para a história da linguística, há problemas a resolver.

Câmara Jr. assinala que, na doutrina saussuriana, há “afirmações confusas” ([1962], 1975, p. 131)⁵ e uma delas reside na divisão entre língua e discurso⁶. O primeiro sustenta a

4 Os termos aspeados são retirados dos textos de Câmara Jr. sobre Saussure. Julgamos que trazer as expressões que neles se encontram nos ajuda a compreender esse seu momento de leitura de Saussure.

5 Estamos nos referindo ao texto de 1962; importa assinalar que tais afirmações também se encontram no texto de 1961 (p. 173), por exemplo.

6 Câmara Jr. propõe que a tradução de *parole* seja *discurso* (que ele indica como *fala* inicialmente). Citamos: “Opôs-lhe

linguística da língua; o segundo se aproximaria do estilo e possibilitaria uma linguística do discurso. Conforme Câmara Jr.:

Afirmando que o discurso permite ao falante exprimir seu “pensamento pessoal”, Saussure coloca o discurso muito perto do estilo e chega mesmo a atribuir a possibilidade de uma linguística do discurso ao lado de uma linguística da língua. (Câmara Jr., [1962] 1975, p. 131).

Nosso linguista continua:

Por outro lado, ao focalizar o caráter individual de todo ato do discurso, ele enfatizava, ao mesmo tempo, que a língua é comum a toda a comunidade e uma forma de instituição social, tal como já o dissera Whitney. Este fato deu lugar a uma nova dicotomia entre o discurso, visto como um tipo de língua individual, e a língua propriamente dita ou língua coletiva. (*idem*)

Em breves palavras, ao problema que aponta como da dicotomia⁷ *langue/parole* soma-se a outro que salienta como outra dicotomia, agora dos planos individual e coletivo. São sobre estas distinções postas como saussurianas que Câmara Jr. se debruça para pensar o lugar da estilística.

Um parêntese antes de continuar se faz necessário: no artigo “Considerações sobre o estilo” ([1961], 2004) algumas das posições de Câmara Jr. expostas no livro *Contribuições à estilística* ([1952], 1978) são deslocadas, como é o caso da noção de estilo. Se neste estilo é a “definição de uma personalidade em termos linguísticos” (*idem*, p. 13), naquele “o estilo se caracteriza em regra por um desvio da norma linguística ausente” ([1961], 2004, p. 178). Nosso objetivo neste artigo não é, contudo, a definição de estilo, mas o impasse para tal noção dada as reflexões de Câmara Jr. a partir da leitura do *Curso*. Nesse sentido, cabe salientar aqui que, no artigo que revisita a tese, Câmara Jr. sublinha que o estilo pertence à língua e não ao discurso (*parole*): “O estilo também pertence à língua, pois é um sistema simbólico que transponta do discurso.” ([1961], 2004, p. 175). A questão é então, como propõe continuando tal afirmação, compreender “em que se distingue da ‘língua’

concomitantemente a fala – ou, segundo sugeri há tempos e tem sido usado entre nós, o discurso (fr. *la parole*), como um campo complexo e confuso à margem da linguística” ([1952] 1978, p. 9).

7 Uma observação: Câmara Jr. refere-se nos três textos à noção de dicotomia e não de dualidade. Hoje sabemos que nos escritos de Saussure o significante usado é dualidade e não dicotomia. “Ao materializar o significante “dicotomia”, não se aponta de que não é simplesmente de dois elementos que se trata, não se dá visibilidade à forma angustiada e turbulenta, inconclusa e instável, com que Saussure tentou lidar com essa *substância* que é a língua.” (Zanella, Castello Branco, Costa, Medeiros, no prelo). É interessante observar como se vai assim construindo um *discurso sobre* o *Curso* e sobre o pensamento de Saussure (e o discurso-sobre “é uma das formas cruciais da institucionalização dos sentidos”, Orlandi, 1990, p. 37).

considerada por Saussure” (*idem, aspas do autor*). É preciso compreendermos, pois, o percurso da reflexão de nosso linguista.

O estilo, para Câmara Jr. ([1961] 2004), repousa parcialmente na individualidade e a separação *langue/parole* coloca, pois, um problema para sua sustentação como campo teórico de investigação. Em seus textos sobre estilística, nosso linguista destaca um “embaraço”, um “confronto” entre um “plano coletivo” e um “plano individual”, como assinalamos, advindo da definição de *langue* como fato social. Tal confusão jogaria o estilo no segundo plano, o que resultaria na marginalidade dos estudos estilísticos. Câmara Jr., a despeito de considerar o estilo “em princípio individual” (mas não a princípio!), se recusa a localizá-lo no segundo plano, porque o compreende como portando funções outras da *langue*. Em outras palavras, Câmara Jr. explica que “entre a língua, na sua significação saussureana, e o estilo há certas antinomias profundas, independentemente da circunstância de uma ser uma regra coletiva e o outro em princípio individual” (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 9) e que há no estilo um aspecto coletivo (Câmara Jr., [1961] 2004). Nosso linguista vai convocar alguns pensadores, como Antoine Meillet, para sustentar um percurso de volta do coletivo ao individual:

A língua preexiste aos indivíduos – é certo –, como insiste Meillet, nas diretrizes do seu pensamento durkheimiano (XXXV-203). Entretanto, a personalidade de cada um de nós trabalha nessa matéria para integrá-la em si, de sorte que a sistematização, em princípio, resulta individual. (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 9).

O que irá resolver o impasse posto com a dicotomia saussuriana é, então, a compreensão das funções da linguagem. Câmara Jr. resgata de Bühler⁸ três funções primordiais decorrentes da “manifestação anímica” (ou “psíquica”), da “atuação social” (ou “apelo”), da “representação mental” (ou “do mecanismo intelectualivo” Câmara Jr., [1952] 1978, p. 10, e também Câmara Jr. [1961] 2004, p. 175) e afirma que no *Curso* se reduz a linguagem a uma dessas funções, a saber, a terceira, “representativa”, para compor a *langue*:

A língua, no seu conceito saussureano, se deduz apenas da função representativa, pois compreende a estrutura, o esquema, o padrão ou a pauta que rege, em termos linguísticos, a nossa representação do mundo exterior e interior. [...] Foi essa redução, empiricamente feita, que deu a

8 Jakobson reformula o quadro das funções da linguagem de Bühler (Pinto, 1988, p. 9).

oportunidade a constituir-se o estudo gramatical, e para ela apelou a doutrina de Saussure, a fim de fixar um objetivo nítido e uno para a linguística. (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 10-11).

Se são funções distintas, não são, contudo, indissociáveis, nos explica Mattoso. Ao contrário, tanto “a língua absorve, destarte, uma carga afetiva que se infiltra em seus elementos e o transfigura” (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 14), – ele comenta ao se debruçar sobre os sentidos do adjetivo belo –, como “dela transborda o ato linguístico, que é a enunciação [...] porque nele se revela o entusiasmo de quem assim fala” (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 14).

A língua absorve, destarte, uma carga afetiva que se infiltra em seus elementos e os transfigura por assim dizer. O adjetivo *belo*, por exemplo, tem uma significação intelectual e encerra um julgamento do ser a que é aplicado; traduz uma determinada representação desse ser (um bosque, digamos), distinta da que transmitiria *denso*, ou *grande*, ou *verde*. Até aí, estamos na língua em senso estrito; mas dela transborda o ato linguístico, que é a enunciação do termo em dadas circunstâncias, porque nele se revela o entusiasmo de quem assim nos fala ou ainda o seu esforço para nos fazer participar desse entusiasmo.

O alcance representativo do termo se desdobra num alcance expressivo que se integram as funções da manifestação psíquica e do apelo. (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 14, *itálico do autor*).

Posto de outra forma⁹, explica que “o alcance representativo do termo se desdobra num alcance expressivo” e propõe, então, não uma “dicotomia” mas um “contraste” entre intelectual (função representativa) e emocional (as demais), e estes dois como complementares. É interessante observar que, ao refletir sobre a questão do estilo, ele traz à cena em cena o “uso linguístico”, o que vai indicar como “enunciação”. Continuando, se as funções outras visam a considerar a individualidade, esta não é, contudo, sem o social que a ancora. Por outro lado, a função representativa também não é tampouco sem as duas outras funções. Supô-la autônoma implica mutilá-la e retirá-la do intercâmbio linguístico. Acentuando a dimensão da convenção na associação significado/significante proposta no *Curso*, escreve:

⁹ É interessante observar a leitura que Câmara Jr. faz neste momento de Saussure: aí se entrevê o impasse da dualidade *langue/parole* que, conforme nosso linguista, resulta em deixar o terreno da *parole* confuso para uma exploração científica (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 12): “Sucedee, porém, que o termo *parole* tem em Saussure um alcance muito heteróclito e confuso para uma exploração científica dessa ordem. A sua grande vantagem é, justamente, englobar todos os elementos da linguagem que prejudicam o esforço no sentido de um assunto homogêneo e uno, qual o conceito de *langue* logo ministra”.

Se a vogal /a/ por exemplo, em virtude de sua sonoridade e do grande abrimento bucal de que decorre, estivesse necessária e exclusivamente ligada às noções do claro e do brilhante, ficaria *ipso facto* tolhida no amplo jogo mórfico em que se desdobra para caracterizar uma conjugação verbal em português, ou ser prefixo negativo em grego, ou ser o aumento verbal em sânscrito, e assim por diante (...) (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 17)

E convoca Sapir para desenvolver sua reflexão, trazendo seus exemplos, os sinônimos *storm*, *tempest* e *hurricane*,

Já não se trata aí de uma natureza dos sons e das coisas, mas de uma absorção fortuita, nos sons, do que podemos chamar um ambiente afetivo (a tragédia shakespeariana quanto a *tempest*; a evocação da pirataria no mar das Antilhas, à qual se prende o vocábulo inglês *hurricane*; e as lembranças da experiência diária, associada com *storm*). (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 17)

para mostrar que há uma “absorção fortuita” nos sons, denunciando, assim, que o traço estilístico se introduz no sistema representativo (idem, p. 19); algo que incomoda “o semanticismo norte-americano às voltas com uma ‘higiene da fala’” (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 19, aspas do autor).

É em Charles Bally que Câmara Jr. se apoia para estabelecer o campo da estilística,

Saussure, quando conceituou a “língua” em puras bases representativas, “mutilou”, por assim dizer, a linguagem e obteve um conceito abstrato fora da concreticidade do intercâmbio linguístico. Foi o que percebeu o seu discípulo Charles Bally, que se dedicou não a repetir o mestre mas a completá-lo, focalizando o estilo em todo fato de língua, e assim estabelecendo a disciplina da estilística. (Câmara Jr., [1961] 2004, p. 175, aspas do autor).

Segue ainda Câmara Jr. ([1952] 1978, p. 15), “entramos na concepção de Bally, e com ele ampliamos o âmbito da linguística num neosaussurianismo cheio de sugestões fecundas”. Em breves palavras, se o traço estilístico se introduz no sistema representativo, é em Bally e Sapir que vai sustentar que na individualidade também se faz presente o coletivo:

‘Muitas vezes’ – comenta Sapir, encarando o tema da linguagem como ponto de vista da personalidade – ‘temos a impressão de ser originais e até aberrantes, quando, em suma, estamos apenas repetindo um padrão social com a mais ligeira das notas de individualidade’ (XLIX-534)
O estilo individual se esbate, assim, no estilo de uma época, de uma classe, de uma cidade, de um país. E é desta sorte que se pode falar até no estilo

de uma língua, como pôs em evidência Bally para o francês em cotejo com o alemão (...) (*Contribuição à Estilística brasileira* [1952] 1978, p. 16, aspas do autor)

No entanto, para Câmara Jr., tal sustentação, em Bally, é parcial, já que, diferentemente deste, nosso linguista irá considerar a literatura como seara para estudar o estilo e não, como o outro, somente a língua oral e a língua popular. A tese de Mattoso é a de que literatura e língua popular são dois polos da estilística:

Talvez a melhor maneira de demonstrar esta nossa tese seja considerar, de um lado, a língua popular e, de outro lado, a língua literária culta: Rui Barbosa e um chofer de praça. Aquele tem estilo (que dúvida! Me dirão) (...) mas este também tem um “estilo”, que é justamente a “gíria”, de que a cada passo se serve. Estilo literário e gíria são, em verdade, dois pólos da estilística, pois “gíria” não é língua popular, como pensam alguns, nem língua profissional, como supõem outros, mas apenas um estilo que se integra na língua popular. Daí a justa observação de Karl Vossler de que na linguagem de um vagabundo mendicante há gotinhas estilísticas da mesma maneira que todo o mar expressional de um Shakespeare. (Câmara Jr., [1961] 2004, p. 177, aspas do autor).

Estamos, enfim, diante de uma reflexão engenhosa com vistas a demonstrar que a estilística complementa (Câmara Jr., [1952] 1978) e mesmo se insere (Câmara Jr., [1961] 2004) na *Linguística da Língua*. Para continuarmos nosso percurso, destacamos um dos pontos de suas análises estilísticas, a que diz respeito à estilística fônica¹⁰.

Câmara Jr. expõe que

“Ao lado da fonologia, que se circunscreve à língua ou estrutura linguística (*langue*, de Saussure, *Sprachegebilde*, de Bühler), foi prevista pelo Círculo Linguístico de Praga a estilística dos sons vocais, ou estilística fônica” (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 29, itálico do autor).

Nosso linguista explica que, além da função representativa do fonema, para constituição e distinção das palavras, há traços estilísticos “latentes na enunciação das palavras” (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 29). Dois dos exemplos que traz, na Língua Portuguesa, são a altura dentro da palavra em uma frase e a quantidade vocálica. No que tange à altura, Câmara distingue o que diz respeito ao campo da entoação *stricto-sensu* de um outro para “traduzir de maneira firme mais variados estados da alma¹¹” (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 30).

¹⁰ No livro fruto da livre docência ([1951] 1978), Mattoso expõe aspectos da estilística em vários níveis: estilística fônica, estilística léxica e estilística sintática.

¹¹ Foi mantida a ortografia do texto.

A altura só interessa à fonologia em português para distinguir a frase assertiva da interrogativa. Aí estamos no âmbito da entoação *stricto-sensu*, ou tom, frasal, em comum com a grande maioria das línguas do mundo: a asserção modulada num tom ascendente-descendente, e a pergunta num tom ascendente – segundo Paul Kretschmer – por ser, em última análise, toda pergunta a primeira parte de uma asserção em potencial (XXVI-27-30)

Dentro de cada palavra de uma frase, entretanto, temos também a altura para traduzir de maneira firme os mais variados estados da alma. (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 30).

A partir daí, vai expor diferentes formas de funcionamento da altura para manifestação expressiva; um funcionamento que incide em cada palavra ou sílaba:

Assim, numa frase – “Já não penso mais nisso!”, independentemente da entoação frasal, há em cada sílaba tônica (*já, pen-, ni-*) um acento de altura, que é em ascensão numa decisão categórica, em decréscimo numa atitude de desânimo, e de uma ascensão que decai gradualmente num trance sentimental.

O jogo tonal importa num alongamento da vogal que lhe serve de base. (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 31).

A quantidade vocálica, como se vê, entra na relação: “Podemos admitir, portanto, na estilística fônica os traços do acento de altura e da quantidade vocálica coordenados entre si.” (*idem*). E lembra que a poesia não prescinde da quantidade vocálica para sua expressividade.

Indo adiante, em sua argumentação, Câmara Jr. culmina por colocar em causa a arbitrariedade saussuriana do *Curso* ao postular a possibilidade de uma motivação sonora. Seu foco se dá na configuração fonética no interior da palavra; por exemplo, ao considerar o verbo *rolar*, observa que “em *rolar* as duas consoantes líquidas do radical correspondem na sua articulação à ideia de um movimento desimpedido e contínuo, o arredondamento labial do /o/ se casa bem com a forma dos objetos que rolam” (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 41). E nos diz:

[...] na poesia lírica as palavras a rigor nunca valem apenas pelo seu significado representativo; em todas, ou quase todas, emerge o elemento sensorial acústico, e não raro a comunicação acústica repousa praticamente nele. Nem sempre – é verdade – há uma motivação sonora propriamente dita; mas sempre há um conteúdo estético determinado pelos sons constitutivos do vocábulo. (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 41).

Há, pois, algo mais na língua que a poesia (ou mesmo a linguagem hodierna) pode nos indicar e à estilística caberia capturar: “Em cada um de nós, o estilo, em dados momentos, faz violência à língua e não poucas vezes a dobra no seu interesse” (Câmara Jr., [1952] 1978, p. 21). Daí a indissolubilidade do par *langue/parole*.

Compreender o esforço teórico de Câmara Jr. em incorporar os estudos estilísticos ao estudo da *langue* é acompanhar a luta por uma linguística que considere a língua dos poetas como material de reflexão, tal como fez Saussure em suas pesquisas com os anagramas e lendas, ou tal como fez Saussure não publicando o *Curso* e escrevendo seus textos inconclusos e vacilantes. E na língua dos poetas os dois também se reencontram. Ambos, ousamos dizer e aproximar, perseguem o “próprio da língua”. Em breves palavras, ousamos aqui propor que a reflexão de Mattoso nos acena de alguma maneira para o real da língua (Gadet e Pêcheux, 2004; Milner, 1978), assim como nos permite a leitura do Saussure dos escritos e dos anagramas. Uma noção que ultrapassa a noção de língua como sistema fechado, ou seja, que a mostra como sendo capaz do equívoco: tropeços em que outras letras se fazem presentes denunciando outros dizeres, trapaças das palavras que se inscrevem sob palavras ou em lugar de outras à despeito do suposto domínio falante. Movimentos da e na língua; rupturas do discurso, como acena Lemos (2009), de que é feita a poesia. Real que denuncia a estabilidade do sistema e o fechamento do signo. “O ‘real da língua’ é, portanto, aquilo que lhe é próprio.” (Gadet e Pêcheux, 2004, p. 52)

Leituras que continuam

Ainda uma palavra, como disse Benveniste ([1963] 1988), “a concepção saussuriana de língua trazia consequências que não se perceberam logo”. Ler Câmara Jr. lendo Saussure nos permite acompanhar algumas dessas consequências; nos possibilita observar o corte saussuriano em se fazendo no Brasil; nos deixa ver o incômodo que tal redução impôs aos estudos linguísticos. E que, arriscamos, contribuíram para acirrar uma cisão entre estudos linguísticos e estudos literários (Sousa, L. e Medeiros, 2015). Mas nos faz também deparar com uma dimensão que ultrapassa a da *langue*, tal como vigorou sobremaneira nos estudos estruturalistas pós-Saussure, uma dimensão perseguida, perscrutada por aqueles que assumem que “nada da poesia é estranho à língua” (Milner apud Pêcheux, 1998, p. 25).

Por fim e para colocar um ponto final provisório a esta reflexão, é preciso sempre lembrar que:

Qualquer apresentação da teoria saussuriana já é um posicionamento e um partidarismo em relação às condições históricas de cientificidade da linguística. (Gadet e Pêcheux, 2004, p. 56)

Referências bibliográficas:

- ARRIVÉ, M. *Em busca de Ferdinand Saussure*, SP: Parábola, 2010 [2007].
- BENVENISTE, É. "Saussure após meio século". *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1988 [1963].
- CÂMARA JR., M. *História da linguística* (1975). 6ª. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, s/d.
- _____. *Contribuições à estilística portuguesa*, Rio de Janeiro, Ao livro Técnico S.A. 1978[19052].
- _____. "A visão saussureana da linguagem", *História da Linguística*, 6ª. ed., Petrópolis: Vozes, 1975 [1962].
- _____. "Considerações sobre o estilo", *Dispersos*, Rio de Janeiro: Lucerna, 2004[1961].
- GADET, F.; PÊCHEUX, M. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Campinas: Pontes, 2004.
- LEMOIS, C. "Poética e significante". *Revista Letras & Letas*, 25, jan/jun 2008, pp. 207-228.
- MILNER, Jean-Claude, *L'amour de la langue*, Paris, ed. Seuil, 1978.
- ORLANDI, E. *Terra à vista – Discurso do confronto: velho e novo mundo*. 2ª ed. Campinas, PINTO, E. P. *História da Língua Portuguesa VI, século XX*, SP: Ática, 1988.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. São Paulo: Editora Cultrix, 1975 [1916].
- _____. *Escritos de Linguística Geral*. Organizado e editado por Simon Bouquet Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix, 2004 [2002].
- SOSA, L.; Medeiros, V. *Em Pessoa: dobras da e na língua*. Artigo na revista *Polifonia*, MT-Cuiabá, no. 31, v. 22, 2015, pp 155-133.
- ZANELLA, A.; Castello Branco, L.; Costa, Thais; MEDEIROS, V. *Saussure dos textos autorais*, Sousa, L. e Baldini, L. (no prelo)

ⁱ Laboratório arquivos do Sujeito (LAS/UFF); CNPq (bolsa produtividade 2).